

Uma vista pittoresca da serra de Cintra

A gravura com que principia este numero foi copiada fielmente de uma grande lithographia antiga pelo nosso habil desenhador o sr. Nogueira da Silva, e gravada pelo sr.ª Alberto, cujos progressos n'este difficil ramo da arte são bem patentes.

A lithographia que serviu de exemplar foi feita, ha perto de quarenta annos, por um desenhador muito conhecido então em Lisboa, que copiava do natural com bastante fidelidade, e que se chamava Domingos Schioppetta, fallecido ha muito.

No decurso d'este longo periodo, Cintra e seus formosos arredores tem passado por grandes transformações. Muitas e mui lindas casas de campo tem sido edificadas; e outras foram reconstruidas com mais elegante aspecto. Desappareceram muitos muros para em seu logar se erigirem esbeltas gradarias de ferro, com que se adornam as estradas, deixando desfructar aos viandantes a vista de curiosos jardins. Extensas encostas na serra, com seus valles de permeio, n'aquella epocha apenas cobertos de matto, estão hoje convertidos em quintas de regalo, onde crescem mimosas plantas exoticas á sombra de variadissimas especies de arvores silvestres, que formam bosques espessos, ou guarnecem compridas ruas, ou pendem sobre os lagos e fontes. Em fim, a natureza e a arte, dando as mãos e auxiliando-se mutuamente n'aquella terra abençoada, tem operado verdadeiras maravilhas.

Portanto, na pittoresca paizagem que a gravura representa, tambem se deram mudanças e reformas que, sem lhe variarem, comtudo, o aspecto geral, modificaram-lhe as feições.

No primeiro plano vê-se um muro baixo, que separa a estrada dos Pisões, a qual conduz, subindo, aos *Seteaes*, do caminho toldado de arvores que desce para o rio.

Do lado esquerdo está a *quinta do Relogio*, que o fallecido negociante Manuel Pinto da Fonseca adornou com uma bella casa no estilo da architectura arabe, e com um bonito jardim guarnecido de grades de ferro do lado da estrada [1].

Da parte direita prolonga-se com a estrada dos Pi-

[1] Vid. pag. 153 do volume VII.

sões o muro e bosque da quinta da sra. baroneza da Regaleira. Aqui apenas ha a accrescentar uma varanda de ferro, correndo sobre todo o comprimento do muro, e mais basto arvoredo debruçando-se por cima da varanda.

No ultimo plano avistam-se as duas eminencias da serra de Cintra, coroadas pelo *castello dos Moiros*, e pelo *mosteiro de Nossa Senhora da Pena*, então habitado por monges de S. Jeronymo. Estas duas encostas pouca differença apresentam. De meia altura para o cume são ainda, como eram outr'ora, agrestes e eriçadas de penhascos descommunaes. D'alli para baixo vestem-se hoje com mais cópia de carvalhos e pinheiros, que escondem debaixo da sua frondosa copa os penedos com que se entremeiam.

O *castello dos Moiros* tem agora reparadas as muralhas e torres ameiadas que na citada epocha se achavam em ruina; e o vasto recinto que ellas cercam está presentemente convertido n'um parque, todo cortado de ruas orladas de flores, e assombradas de arvores. Porém, nada d'isto se descobre do ponto d'onde foi tirada a vista de que nos occupâmos. A gravura tão sómente mostra na crista da serra, apparecendo por baixo da immensa ramagem de um carvalho gigantesco da quinta do Relogio, uma torre e lanço de muro que limita o castello d'este lado.

Não succede, porém, o mesmo com o antigo mosteiro dos jeronymos. N'esta parte ha uma metamorphose completa. Aquelle edificiosinho que lá se vê sobre o outro serro, meio occulto entre a penedia, meio confundido nas nuvens, é actualmente um grande palacio acastellado, o magnifico paço del-rei o sr. D. Fernando II, que tomou toda a coroa da montanha, assoberbando-a com as suas elevadas torres e resplandecentes cúpolas.

Nas figuras com que o desenhador animou a paizagem, vêem-se, a par dos trajos camponezes, que ainda são os mesmos, as desengraçadissimas modas do principio do segundo quartel d'este seculo.

I. DE VILHENA BARBOSA.

DOMINUS TECUM...

(CONTO PARA CRIANÇAS)

I

Agora que a noite começa a desenrolar o seu manto azul, onde essas fadas luminosas, que se chamam estrellas, dançam em torno da sua branca rainha, que percorre o firmamento no seu argenteo carro, umas solitarias e pensativas, como a scismadora Venus, outras formando immensa e jovial choréa, como as brancas estrellinhas da via lactea; agora que principia a ouvir-se ao longe o grave som das Trindades, perfume de harmonia que parece exhalar-se das urnas gigantes dos campanarios, vinde, meus meninos, vinde agrupar-vos em torno de mim, e ouvir as historias maravilhosas que eu tenho para vos contar.

Arredae da fronte os loiros anneis dos vossos cabellos, doirados fios que enreda, teimosa, a brisa folgazã, como que para vos desafiar para novos brinquedos, e fitae-me, fitae-me bem com esses olhos azues, transparentes como o lago limpido, puros como o ceo ridente, que vos quero povoar os sonhos de imagens luminosas d'esse mundo loução de fadas e duendes!

Ó sonhos infantis! Quem poderá jámais saber quanto esvoaçar de azas brancas, quanto rescender de ignotos perfumes, quanto desabrochar de lindas flores, quanto lampejar de suavissimos clarões nos revela aquelle innocente sorriso que volteia nos labios da criança adormecida!

Que deliciosos colloquios não haverá entre essa almazinha gentil, que aspira ao ceo, e os anjos, que se debruçam meigamente do azulado Empyreo, que a tomam nos braços, que a embalam e lhe sorriem!

E eis o motivo por que sempre despertaes chorando; é porque os anjos vos poisam no berço, vos beijam na fronte; porque vêdes as suas azas candidas transporem n'um vôo o espaço, e cerrarem-se com fragor as doiradas portas do Empyreo.

E só vos aplaca o choro o meigo sorrir das mães; porque, se ha anjos na terra, onde se abrigariam elles se não fosse no brando seio maternal?

Onde encontrariam imagem mais perfeita do seu Paraiso?

Mas entre o ceo e a terra ha outro mundo de encantos, onde esvoaçam as fadas travêssas, os maliciosos duendes, que são tambem amigos das criancinhas, e as vão poisar, ás vezes, no purpureo regaço das rosas, ou nas rendas prateadas do immenso véo do luar.

De dia dormem escondidas no calice das flores, ou no seio dos lagos, ou nas folhas das arvores; mas, quando soam Trindades, eil-as a esvoaçar no ambiente, e é o bater das suas azas, o chilrear das suas vozes, que produzem esses ineffaveis murmurios que vos encantam, e que vos fazem até cair, sem saberdes por quê, n'uma doce melancolia.

São ellas quem ensinam aos rouxinoes esses maviosos gorgeios, esses deliciosos trinados, que toda a natureza escuta embevecida n'um vago extase.

São ellas quem accendem nos pyrilampos esse phantastico fulgor que vagueia nos prados, e matiza de oiro o fundo verdejante da relva.

São ellas quem desentranham do seio das flores as nuvens de perfumes, que espalham depois rindo na atmosphera.

É o seu bafo a brisa voluptuosa e leve, que faz correr um vago estremecimento pelas corollas gentis das rosas e dos lyrios.

Por isso a noite é mais formosa do que o dia; porque o dia pertence aos homens, e durante a noite imperam os espiritos subtis.

A natureza vê passar com indifferença, e até com odio, o homem que se diz seu rei, e cuja realeza é uma verdadeira tyrannia.

Porque o homem decepa as arvores frondosas; colhe as flores que viçavam alegres, e que vão finar-se em ramalhetes; acorda os echos doridos com o estrondear das suas espingardas; e a toda a parte, onde estabelece o seu dominio, leva comsigo a destruição e a morte.

Nunca viram, meus meninos, arder uma floresta? É horrivel! As arvores contorcem-se na agonia, erguem ao ceo os ramos esbrazeados, soltam gritos de desesperação. Não é a vegetação inerte que se reduz ao nada, é a vida que fenece em convulsões.

E quem incendiou a floresta? Quem brandiu o facho assolador entre a folhagem lustrosa? Foi o rei da natureza! Foi o monarcha da creação!

As fadas e os duendes não destroem assim esses mysteriosos sanctuarios, onde se abrigam tantos amores, tantas vidas, tão incessante trabalho de renovação! Tem, pelo contrario, com elles mil desvelos; são ellas quem descerram a pouco e pouco os verdes botões das rosas do matto; são ellas que penetram nos troncos, e fazem girar a vivificante seiva em todos os pontos da arvore caduca; são quem a ajudam depois a desabrolhar em pimpolhos, em flores e em fructos.

Por isso, quando á noite dançam e folgam nos ares, toda a natureza se compraz em lhes adornar os festejos; ás brisas volteiam com as suas urnas cheias de aromas; os rouxinoes descantam as suas arias; a orchestra immensa dos pinhaes, das carvalheiras e dos salgueiraes entrega aos arcos invisiveis do vento as

frementes cordas das suas franças, ou deixam que mão ignota doideje vagamente nas teclas das suas frondes! E tudo canta, ri e folga, porque são as fadas que dançam, as fadas aéreas, os travêssos duendes.

E o homem entretanto, encerrado nas suas mesquinhas moradas, respira uma atmosphera corrompida, sente o suor a borbulhar-lhe na fronte depois de dar um giro na sala abafadiça, e cerra cuidadosamente as janellas, para que lhes não chegue nem um murmurio, nem um effluvio, nem um raio de luz.

E a natureza aproveita a ausencia do rei da creação, e canta, e folga, e ri, porque são as fadas que dançam, as fadas risonhas, os duendes maliciosos.

II

Em toda a parte ha fadas, meus meninos; mas, como podem suppor, não tem o mesmo genio, a mesma indole nos differentes sitios. N'uns pontos persegue-as o infortunio, n'outros sorri-lhes a ventura.

Na nossa terra abençoada, em que temos ceo de veludo, aguas de cristal, sol de oiro vivo; onde nos ares limpidos parecem brotar por encanto musicas suavissimas; onde viçam flores com profusão; onde as brumas são véo ligeiro que touca as cumiadas dos montes, e não gélido manto que envolve as planicies, folgam as fadas de viver. É este o paiz dos seus sonhos, este e a Hespanha, e a Italia e a Grecia, onde viveram por tanto tempo as nymphas, as naiades e as dryades, que eram as fadas dos pagãos.

Livres no ar, alimentando-se de perfumes que nunca lhes faltam, abastecendo-se nas madre-silvas e nas magnolias, aquentando-se nos ninhos das avesitas, viajando n'um raio da lua, não tendo mais em que cuidar senão em pentear os seus lindos cabellos, em mirar-se e em banhar-se nas aguas transparentes, apenas uma vez por anno, na bemdita noite de S. João, tem de ser oraculos das donzellinhas, que lhes vem perguntar qual o porvir dos seus amores.

Donosa occupação! Sair do asylo da folhagem e entrar na alma ingenua da donzella é apenas mudar de ninho, e não sei qual será mais suave, mais macio, mais delicioso e mais immaculado.

Estava com passarinhos, com passarinhos vae estar! Pois o que são os amores? E se escutavam deliciosos gorgeios, finas trovas, podiam nunca ser tão mimosos esses cantares como o poema seductor, cujas estrophes resoam n'um coração de vinte annos?

Mas ai! nem sempre é assim. Nos frios paizes do norte, na nevoenta Inglaterra, na verde mas tristonha Irlanda, não encontram as fadas e os duendes as doçuras d'estes ares, os esplendores d'estes ceos, a suavidade d'estas brisas. Mal que chega o inverno, gelam-se as aguas, morrem de frio os passarinhos implumes nos pobres ninhos devastados pela procella, a neve mata as flores, embacia-se o clarão da lua, desmaia a luz e affrouxa o almo calor do sol, não ha perfumes nem galas, e ai de quem intentasse dançar nos ares quando o graniso cae!

Coitados dos pobres duendes! Coitadas das gentis fadas! Elles, que adoram a liberdade, vêem-se obrigados a refugiar-se nos quentes curraes, na cinza do lar, e até na chaminé! Ah! como os seus irmãos dos paizes do sul teriam dó d'elles se os vissem com as azas brancas maculadas de fuligem, a não ser que estejam expostos ao frio e á neve á porta de casa pouco hospedeira, onde não lhes abram sequer uma fisga por onde possam metter os corpinhos enregelados.

Mas os homens são crueis e egoistas, e não concedem um favor sem mirarem a galardão; estão promptos a acolher os pobresinhos dos espiritos, com a condição que estes os hão de servir. E aqui temos os nossos duendes e as nossas fadas, fieis á sua palavra, a ordenhar as vaccas, a guardar as ovelhas, a tratàl-as nas doenças, a evitar-lhes o mau-olhado, a proteger os donos da casa, em fim, a fazer o que dez criados não fariam.

Mas, meus meninos, os homens, não contentes com isso, traçam muitas vezes fazer-lhes mal, livrar-se d'elles, descumprir a sua palavra, e isso tudo exacerba-os, e fal-os tambem, ás vezes, maus e vingativos.

Ah! meus meninos, a miseria é a mãe terrivel do mal, tanto nos homens como nos duendes. A miseria, e a escravidão, e a ausencia de luz! Ah! quando virdes um criminoso, não o anathematizeis, mas vêde primeiro em que atmosphera viveu, quaes foram as primeiras idéas que teve, qual o estado da sua intelligencia. E vereis sempre, ou quasi sempre, a miseria, o embrutecimento e as trevas.

Por isso, quando fordes homens, dedicae-vos á grande obra da regeneração dos vossos similhantes, ao seu esclarecimento e á sua educação moral.

E assim tereis cumprido a vossa missão na terra, assim tereis cumprido o grande preceito da nossa religião «a caridade», preceito que encerra em si todos os outros, raio de luz que, em se espraiando pelo mundo, basta para dissipar as sombras mais cerradas.

Mas voltemos aos nossos duendes, de que já nos iamos afastando tanto.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

MOSTEIRO DE LORVÃO

Viagem de Coimbra a Lorvão — Local da aldeia e do convento de Lorvão — Fundação do convento — Grande importancia de que gozavam os monges d'este convento, e convivencia e amizade dos moiros com elles — Conquista Coimbra D. Fernando Magno, por conselhos e instancias dos monges de Lorvão — Estado de riqueza e corrupção a que chegaram estes monges, dando em resultado serem expulsos do seu convento — Doação do convento a D. Theresa, que n'elle estabeleceu a ordem de Cister. Beatificação de D. Theresa e de D. Sancha. Solemne trasladação de seus restos para novos tumulos — Descripção do edificio.

I

Pela importancia historica, preciosidades e bellezas de que é dotado o convento de Lorvão, havia muito que tinhamos nutrido o desejo de visitar este respeitavel monumento, e offerecendo-se-nos ultimamente occasião opportuna, fizemos áquelle sitio uma digressão que muito nos captivou.

Fomos em companhia de um nosso particular amigo, o que nos duplicou o prazer da viagem, toda cheia de encantos.

Eram 8 horas do dia 28 de dezembro ultimo, quando nos pozemos a caminho para o famoso convento.

Depois que descemos o monte de Santo Antonio dos Olivaes, fomos logo impressionados pelo bello aspecto dos oiteiros e valles circumvisinhos de S. Romão, completamente alastrados de neve.

Passado o proximo valle, começámos a caminhar por um territorio que cada vez mais se eleva; e quando chegámos ao alto do *Espinhaço de Cão* ficámos verdadeiramente extasiados com o panorama que d'alli se descortina, e que opéra em nós uma viva commoção pela sua variedade, belleza e magestade. Avista-se Coimbra com os seus pittorescos arrabaldes, o Mondego correndo por entre seus extensos e feracissimos campos, uma infinidade de povoações, montes, oiteiros, valles e ribeiros, formando tudo um vasto e encantador quadro, moldurado pelas areias do Oceano, e por serras longinquas, cujas summidades parecem tocar no ceo. Alli nos demorámos a contemplar aquella magnifica perspectiva, e não foi sem saudade que deixámos tão bello local.

Se tanto nos agradou o que ao longe vimos, não nos deleitaram menos as bellezas que fomos encontrando pelo decurso do caminho: aqui viamos reben-

tar uma fonte cristallina de saborosas e finas aguas; alli admiravamos um prado de viçosa vegetação; acolá serpeava um limpido regato que, encontrando um despenhadeiro, formava uma espumosa e brilhante catadupa; mais além alvos rochedos de quartzo, que o sol fazia brilhar e contrastar com outros de côr pardacenta. Gozando tantas bellezas e caminhando por uma estrada que, apesar de montanhosa, era de bom piso, por ser o terreno em que assenta formado de schistos, chegámos á parte mais culminante da serra, d'onde o panorama, que mais debaixo tanto nos tinha captivado, se via mais dilatado e magestoso, comprehendendo as cumiadas do Bussaco, quasi toda a Bairrada, e distantes e elevadas serranias cobertas de neve.

Dobrando a montanha, avistámos, finalmente, o estreito e profundo valle de Lorvão, formado por montes sobrepostos e elevados, e onde com custo penetram os raios do sol.

Ouvimos então o mavioso tanger do sino do mosteiro, e o som do bronze, repercutindo por aquelles alcantilados montes, vinha, saudosa e docemente, resoar em nossa alma.

Para chegarmos ao melancolico valle gastámos ainda bastante tempo, por causa da extensão da ladeira, em extremo ingreme e despenhada.

II

Para que se faça idéa do encovado e escabroso local do convento, bastará dizer que agradou aos monges benedictinos, os quaes, para as edificações das suas casas, buscavam sempre os logares mais retirados e fragosos, para imitarem o mais possivel os desertos de Sublaco, onde o instituidor da sua ordem primeiro passou vida austera.

O valle é dividido por um pequeno ribeiro, em cujas estreitas margens estão assentes o convento e aldeia de Lorvão, pequena e de mesquinha apparencia. Os seus habitantes quasi todos se occupam na manufactura de palitos, cujo commercio é alli de alguma importancia. Vimos em quasi todas as portas crianças, adultos e velhos trabalhando n'esta industria, e entreteve-nos ver a ligeireza e perfeição com que a executavam.

III

Namorados os monges da aspereza de tão triste solidão, onde as montanhas abruptas que a cercam só consentem que se veja uma pequena porção de ceo, alli fundaram o seu mosteiro.

Acerca do tempo em que foi edificado o convento, tem havido grande diversidade de opiniões. Fr. Bernardo de Brito diz [1] ter visto n'uma memoria antiga, escripta no fim de um livro de mão da propria casa, o seguinte trasladado fielmente:

«Domus nostra Lurbani constructa fuit vivẽte patre nostro Benedicto, et dedicata sanctis martyribus Mameti, et Plagio». Em linguagem vulgar é o seguinte: «A nossa casa de Lorvão foi fundada em vida do nosso padre S. Bento e dedicada aos santos martyres Mamede e Plagio, etc.»

A opinião de que o convento foi fundado no tempo de S. Bento tem sido contestada por alguns escriptores [2], e Mabillon, tratando d'este assumpto, não assigna a epocha certa em que a regra benedictina se estabeleceu em Hespanha, e affirma só que aqui era já conhecida e praticada no seculo VI [3].

Ferreira diz [4] ser fundador e primeiro abbade do mosteiro de Lorvão, Lucencio, bispo de Coimbra, de 561 a 562.

[1] Chr. de Cister, liv. VI, çap. 29.
[2] Chr. Provin. de Portug. p. I, liv. II, tit. 40, § 7.
[3] No prefacio do tomo I dos Actos dos Santos Benedictinos, § 6, n. 64.
[4] Catalogo dos bispos de Coimbra, n. 2 e outros.

No meio de tantas opiniões differentes, o que só se póde concluir é que a epocha da fundação do mosteiro é muito remota, e que, escondida na obscuridade de muitos seculos, difficilmente se virá a descobrir.

IV

Em todos os tempos o mosteiro de Lorvão gozou grande celebridade e consideração, e foi estimado e respeitado até pelos proprios moiros.

Quando se celebravam concilios, eram a elles admittidos os monges de Lorvão; no Toledano quarto, o bispo de Coimbra foi substituido por Ernulpho, abbade d'este mosteiro, que assignou como vigario e procurador do bispo ausente.

Tendo os moiros invadido a Hespanha, e apoderando-se de Coimbra, viram-se os monges obrigados a pagarem-lhes tributos para se conservarem em socego; mas algum tempo depois Aliboacem, um dos primeiros reis agarenos, tendo recebido d'aquelles santos homens bom agrado e obsequios, tornou-se para com elles tão affeiçoado, que os isentou de vexações [1]; e foi tal a harmonia que houve entre elles e os moiros, que muitas vezes estes iam pelos sitios circumvisinhos de Lorvão montear os veados, e desciam ao convento a comel-os na companhia dos frades [2].

V

Apesar de se darem muito bem com os moiros, conheciam os monges que era muito importante passar Coimbra para o poder dos christãos, e como, pela convivencia e amizade que com os moiros tinham, eram os frades sabedores do que se passava na cidade, e do estado de suas forças, facilmente indagaram occasião propria para a conquista de Coimbra, e foram dois a Carrion, onde D. Fernando Magno estava descançando das fadigas de varias batalhas, aconselhar este monarcha que marchasse com seu exercito sobre Coimbra.

Effectivamente, D. Fernando segue os conselhos dos monges, e, chegando a Coimbra, põe a seus muros apertado cerco, que durou quasi 7 annos. Findo este tempo, faltando a D. Fernando os mantimentos, e talvez descorçoado de tanta demora sem resultado, resolve desistir da empreza. Os monges de Lorvão, porém, que conheciam o muito que lhes importava e ao bem da christandade a conquista de Coimbra, trazem a D. Fernando os soccorros de que carecia, e animam-n'o e resolvem-n'o a continuar com o assedio.

Finalmente, no dia 28 de julho de 1064 [3] o exercito entra pela porta da Traição, e faz tremular as bandeiras castelhanas nos muros de Coimbra.

Bem conheceu D. Fernando o grande auxilio que para o bom exito da empreza tinha recebido dos monges, e por isso, levado dos sentimentos de gratidão, lhes offereceu a cidade; elles, porém, não acceitando tão liberal offerta, unicamente se contentaram com uma egreja, dizendo que lhes era sufficiente com o prazer que sentiam em terem por seu rei a D. Fernando.

VI

Muitos monarchas e pessoas illustres enriqueceram o mosteiro de Lorvão com privilegios e doações, re-

[1] Na Benedictina Lusit., tomo I, trat. II, part. II, cap. IV, vem transcripta a lei de 734, pela qual Aliboacem isenta o convento de Lorvão dos tributos que tinha imposto nos outros mosteiros.
[2] Gasco, Conquista, Antiguidades, etc., de Coimbra, cap. I.
[3] Sobre a epocha certa da conquista de Coimbra divergem os pareceres, mas a maior parte dos escriptores que tratam d'este assumpto opinam pela de 1064, a 28 de julho. Uma das provas que corroboram esta opinião, é uma doação de D. Sisnando ao abbade Pedro da herdade e egreja de S. Martinho, bispo e confessor, na qual se lê: «... In era MCªIIª intravit rex domnus fredenandus cui sit beata requies in civitatem colimbriam.» A era apontada corresponde exactamente ao anno de 1064. A cópia d'esta doação vem na *Noticia Historica do Mosteiro de Vacariça*, por M. B. de Vasconcellos.

sultando chegarem os frades a um estado tal de riqueza e esplendor, que já por fim viviam mais ao modo senhoril que ao monastico.

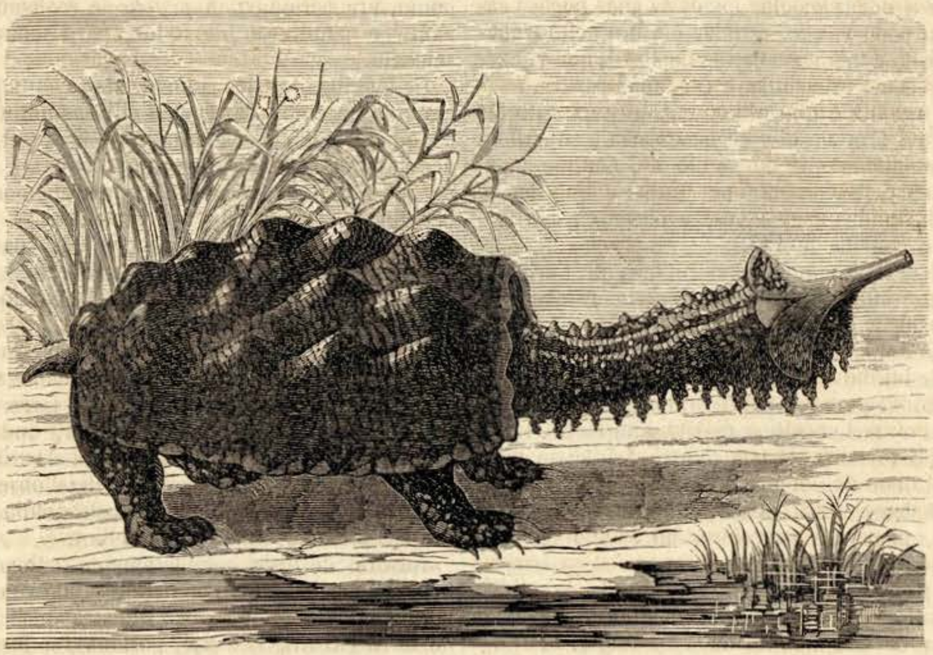
Tanta opulencia deu em resultado grandes abusos da parte dos frades, que se portavam com grande inconveniencia passando vida desregrada. Este tão reprehensivel comportamento chegou aos ouvidos de D. Theresa, filha de D. Sancho I; e como esta virtuosa senhora desejasse fundar uma casa religiosa onde passasse seus dias devota e santamente, lembrou-se ser a de Lorvão muito propria para o seu intento, e conseguiu de seu pae que d'alli expulsasse os monges, que tão mal se portavam, sendo recolhidos no mosteiro de Pedroso.

(Continua) AUGUSTO MENDES S. DE C.

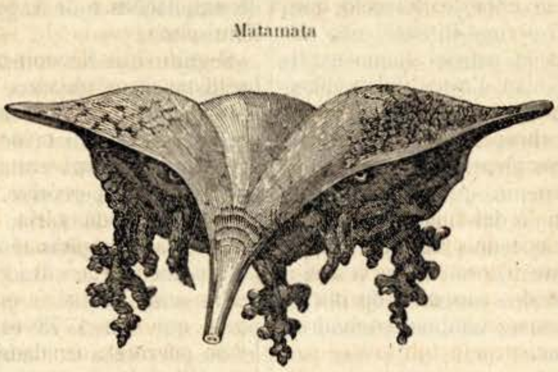
MATAMATA

Este animal, especie de tartaruga, pertence á classe dos reptis. A sciencia denomina-o *Testudo fimbria.*

Regula o seu comprimento por setenta centimetros. Tem a cabeça grande, achatada, um pouco redonda na frente, mas terminando em uma como tromba, nos lados guarnecida por duas especies de azas membranosas horisontaes, e, finalmente, enrugada na parte superior. Os olhos são redondos, e estão situados na base da tromba. Tem o pescoço grosso, e nos lados d'este umas pequenas membranas, que parecem franjas, deseguaes no tamanho, alternando-se as maiores com as menores. Este animal, como todos os da mesma familia, é coberto por dois escudos osseos unidos pelos lados: o superior, chamado *casca* ou *concha*, e que está pegado ao espinhaço, é cheio de eminencias pyramidaes, e tão estreito que o animal nao póde recolher n'elle a cabeça e os pés, como fazem as outras especies de tartarugas; o inferior, a que se dá o nome de *couraça*, acha-se unido ao sternon. O corpo é orlado em volta das taes membranas franjadas. Os pés e mãos são curtos e armados de cinco unhas compridas e tortas. A sua côr geral é acastanhada, sendo, porém, mais escura na parte superior, e um pouco mais clara na inferior.



Matamata



Cabeça da matamata vista de frente

Este singular animal é indigena da Cayenna. Abundava outr'ora nos rios que circundavam a ilha d'este nome, porém os caçadores, apreciando muito a sua carne, saborosa e saudavel, tanto os perseguiram, que os afugentaram d'aquellas paragens. Presentemente vivem nos lagos de Magacaré, e no rio de Honassa, a uns cento e vinte e cinco kilometros para o sul de Cayenna.

As matamatas são muito timidas, pelo que se conservam de dia debaixo de agua, e só á noite sáem para terra a pastar, mas sem se afastarem muito dos lagos ou rios. Sustentam-se de hervas que crescem nas suas margens.

São difficeis de conservar com vida depois de terem perdido a liberdade. Entretanto, em França viveu um d'estes animaes por muito tempo, chegando a tirar um filho de uma postura de cinco ovos.

O nome de *matamata* foi-lhes dado pelos naturaes do paiz. Brugniére adoptou-o, porém Cuvier preferiu-lhe o de *chélidas*.

As gravuras que publicâmos, representando este curioso animal, e em separado a cabeça vista de frente, foram copiadas de outras com que o excellente jornal francez, *Le Tour du Monde*, adornou a descripção da *Viagem do Oceano Pacifico ao Oceano Atlantico, através da America do Sul, por mr. Paul Marcoy*.

Le Tour du Monde é, na verdade, um dos mais interessantes jornaes illustrados que se publicam em França. Nenhum se lhe avantaja no luxo da edição e no primor das gravuras, e, com quanto se dedique exclusivamente a descripções de viagens, offerece materia variadissima para estudo e recreio.

I. DE VILHENA BARBOSA.

CARTAS A UMA SENHORA

OS COMETAS

(Vid. pag. 67)

IV

Na historia das sciencias ha uma grande solução de continuidade, que se dilata desde o findar da eschola de Alexandria até ao cerrar da edade média. Periodo de transformação e de surdas elaborações; periodo de encyclopedias *de omni scibili*, a edade média afigura-se ao historiador como uma ligação necessaria, como um cataclismo providencial, immenso vortice onde se afundaram as idéas, e como que se casaram diversas civilisações e povos diversos, allumiados e guiados pelo evangelho.

O que foi a edade média, quaes as suas feições caracteristicas, póde v. exc. estudar em um bello trabalho do festejado e talentoso Latino Coelho [1], que v. exc. tanto preza, com justissimas e fundadas razões.

E porque repetir o que alli se encontra exposto tão brilhantemente fôra ousadia desnecessaria e superflua, passarei immediatamente ao seculo XV, em que appareceu o celebre Regiomontanus (Muller), que descobriu o methodo das parallaxes, e observou astronomicamente o cometa de 1472.

Seguiram-se Pedro Apiano, astronomo de Carlos V, e Cardan, que affirmaram que os cometas estavam situados para além da lua, e que a direcção da cauda é opposta ao sol.

Cardan assimilhava-se ás crianças instruidas, que, apesar de conhecerem o pouco fundamento dos seus terrores, não os podem sobrepujar. Assim é que, tendo lido no ceo o instante da sua morte, deixou-se morrer á fome... por não deixar a astronomia mentirosa.

Sempre é bem certo, minha senhora, que os sabios quasi nunca são superiores ao seculo em que vivem.

Tycho e Kepler observaram com grande exactidão os cometas de 1577, 80, 85 e 90, conforme affirma o infeliz Bailly na sua historia da Astronomia.

Galileo, espirito subtil e creador, e Helvecio, rico financeiro, homem illustrado e *roué* illustre, não admittiam que os cometas fossem astros! Como explicar estas aberrações? Na opinião d'estes dois sabios, os cometas não eram senão emanações dos diversos planetas. Modificando a hypothese de Aristoteles, caíram em erros não menos grosseiros.

Descartes, um dos grandes genios que se deixou perder no golphão da philosophia e das theorias; Descartes, partidario acerrimo dos systemas absolutos, que, longe de se moldarem á natureza, pretendem vencel-a só com o poder da razão, sem o concurso da observação e da experiencia, Descartes tambem engendrou um systema sobre os cometas.

Na opinião d'este philosopho, os cometas, no seu principio, foram soes fixos no centro de um vortice particular. Sendo transformados em planetas por uma causa qualquer, e não podendo permanecer nos vortices respectivos, tornam-se errantes e vagabundos, em busca de um vortice apropriado. Os cometas não podem, pois, ser visiveis da terra, senão quando o nosso systema lhes dá abrigo e gasalhado, durante um tempo variavel.

O systema dos vortices tinha uma grande vantagem; explicava tudo, deixando ficar tudo na escuridade. Eram explicações... que não explicavam. Estamos vendo estas anomalias a cada passo.

Raiou, em fim, a nova aurora, tão cheia de promessas; despontou o astro brilhante; surgiu o genio; Newton appareceu.

Os cometas não poderam escapar ao seu olhar de aguia, e estudou-os no seu livro dos *Principios*. A theoria de Newton póde-se resumir assim:

Os cometas são contemporaneos dos planetas; a sua luz vem-lhes do sol; descrevem ellipses muito excentricas no vacuo, obedecendo ás leis da attracção planetaria.

Se os cometas descrevem curvas fechadas, como dizia Newton, infere-se que são periodicos, isto é, que devem voltar em epochas determinadas. Halley demonstrou este grande principio da theoria newtoniana, comparando datas e discutindo as narrativas das chronicas e as tradições dos povos. Applicando a theoria das forças centraes, concluiu Halley que o celebre cometa de 1680, que recebeu o nome do grande astronomo, era periodico. A *prophecia* realisou-se com espanto e admiração de todos, para maior gloria da sciencia.

Os movimentos dos cometas são, comtudo, irregularissimos, e como descrevem ellipses muito achatadas, as quaes tendem a confundir-se com parabolas (verdadeiras ellipses, de que um vortice se transportou ao infinito), segue-se que os astronomos só podem decidir-se comparando os elementos de um cometa com os de todos os outros cometas conhecidos. Se os elementos de dois cometas são eguaes, estes dois corpos são um só cometa, o qual é periodico. Assim fez Halley.

É trabalho improbo e acaso pouco proveitoso narrar chronologicamente os diversos cometas historicos que assombraram os homens com terrores sobrenaturaes. Não devo, porém, esquecer, que quando no seculo IX a Europa se revolvia na barbarie e na ignorancia, já os chinas faziam bellas observações cometarias, de que a moderna astronomia tem tirado grande proveito, como mostra Biot.

Newton destruiu completamente a theoria aristotelica, mostrando que o cometa de Halley soffria no seu perihelio uma temperatura egual a duas mil vezes a do ferro em brasa, e que, portanto, se fosse composto de exhalações e de vapores, seria dissipado em fumo tenuissimo.

Seguiu-se a Newton o conde de Buffon, grande naturalista, mau physico, e pessimo cosmogonico; depois o talentoso Clairaut, que, estudando as perturbações que o cometa de Halley devia de soffrer no espaço antes da sua volta em 1759, traçou o caminho que havia de percorrer. Clairaut fundou d'este modo a mecanica cometaria, e demonstrou que os astros errantes são sujeitos tão sómente, assim como os outros planetas, á attracção universal. O seculo XVIII acaba com Lalande, que prestou valiosos serviços, posto que em 1773 espalhasse um panico terrivel, lendo perante a academia uma memoria sobre o choque dos cometas contra a terra.

V

Eu já disse a v. exc. que os cometas dividem-se em duas grandes cathegorias: periodicos e não periodicos. Fallemos agora dos primeiros.

Como v. exc. já sabe, aos trabalhos de Newton e de Halley deve a sciencia esta noção importantissima. Clairaut demonstrou-a mathematicamente, mas é força confessar que ultimamente muito se tem feito e estudado, posto que o numero dos cometas periodicos seja mui limitado.

O pouco que vou dizer é apenas o transumpto de uma lição professada por Arago, no observatorio astronomico de Paris.

No dia 27 de fevereiro de 1826 viu-se um cometa em Johannisberg, cuja orbita foi calculada por *Gam-*

[1] Os artigos sobre as *encyclopedias*, publicados no *Archivo Pittoresco*, pag. 143 e seguintes do vol. VII, revelam profundo estudo, vasta erudição, e decididas tendencias de ameno divulgador. O talento flexivel do sr. Latino Coelho presta-se a tudo, com egual felicidade. Singular privilegio, e bem digno de invejar!

bart em Marselha. Concluiu-se pelo calculo que o cometa havia apparecido em 1772 e 1815, e que devia voltar em 1832, e atravessar o plano da ecliptica em 29 de outubro, antes da meia noite. Este cometa é o de *Biela*, e o seu periodo é de seis annos e tres quartos.

Segue-se o cometa de *Enche* ou de *Pons*, observado em 1786, 1795 e 1805, estudado em 1822. Foi descoberto em Marselha a 26 de novembro de 1818, e o seu periodo é de 3 annos e tres decimos. Struve viu através do nucleo do cometa uma estrella de 11.ª grandeza.

O sr. Faye descobriu um cometa, que baptisou com o seu nome, e cujo periodo é de sete annos e meio.

Segundo Arago, o catalogo de cometas até 31 de dezembro de 1831 continha os elementos de cento trinta e sete d'estes astros, posto que as apparições ascendessem a mais de seiscentas desde Jesus Christo.

Na opinião de Babinet, o celebre cometa de Carlos v, observado por Pedro Apiano, e que, segundo rezam as velhas chronicas, dera azo a que o imperador-rei abdicasse, trocando as grandezas mundanas pelo silencio da cella monastica de S. Justo, era periodico, isto é, apparecia de trezentos em trezentos annos. Feitos os calculos, annunciou Babinet que em 1861 surgiria o grande cometa das profundezas do ceo. Mas v. exc. sabe que Babinet fez *fiasco*, e que, apesar da auctoridade do seu nome e do soccorro do almirante Smith, um dos maiores astronomos inglezes, a ignorancia implacavel apupou o sabio academico, não faltando *caricaturistas* que se desentranharam em desenhos grotescos, para divertimento da multidão alvar. Todavia, se o cometa de Carlos v não se dignou de sulcar o nosso firmamento, não é este o unico astro errante de longo periodo cujos elementos a sciencia determinou.

O sr. Argelander affirma que o cometa de 1811 gasta tres mil e sessenta e cinco annos em fazer a sua excursão para além do sol, e o cometa de Mauvais, que foi visivel e bem observado durante dez mezes, ha de voltar, segundo o sr. Plantamour, ao cabo de cento dois mil e cincoenta annos!

Haverá ainda então astronomos que os observem? Que será feito da humanidade no fim d'esse grande periodo?

Que de cataclismos e revoluções no nosso globo antes que *esses segundos da eternidade* tenham soado na pendula gigante do tempo!

Antes de terminar este capitulo, permitta-me v. exc. que ainda lhe diga que os cometas brilhantes e magnificos são raros. Durante o seculo que vamos atravessando, os astros erraticos que mais captivaram a attenção dos *espectadores* que povoam a grande platéa que se chama — terra — foram os de 1811, 25, 43, 58 e 61. O penultimo, estudado por Donati, e o ultimo por muitos astronomos, fizeram a admiração de todos os que o contemplaram. D'elles se lembra v. exc., e, portanto, escusado é estar eu aqui a descrever o que os seus olhos viram tão bem, e a falsear o muito que a sua phastasia creou, divagando liberrima nos espaços, presa ao nucleo argentino do astro caprichoso.

(Continua) A. Osorio de Vasconcellos.

LENDAS NACIONAES

III

EMPREZA DE TANGER

(Vid. pag. 62)

VIII

Quem julgasse unicamente pelas exterioridades diria que o infante D. Henrique voltava ao seu acampamento tão ébrio de prazer pela victoria, quão cheio de esperanças. No seu rosto esparziam-se, não ha duvida, certa alegria e serenidade, que bem se podiam tomar por signaes de satisfação pelo triumpho obtido, e de confiança na sorte futura. Mas quem podesse ler-lhe no coração, veria ahi desmentidas tanto a alegria como a serenidade, que eram mandadas ao semblante tão sómente pelo esforço da alma e pela politica do general.

O infante D. Henrique não estava ainda de todo descoroçoado. O castello das suas esperanças era tão grande e tão forte, que não se rendia facilmente aos primeiros vaivens da desdita. Já não vinham, é verdade, sonhos doirados alegrar-lhe o espirito. Os seus olhos já não viam tudo côr de rosa. O aspecto carregado das circumstancias ia-lhe enluctando e opprimindo o peito. Todavia, ainda confiava alguma coisa no seu esforço e na bravura dos seus soldados; ainda o animava uma esperança, uma só, mas muito grande, que toda se resumia no auxilio de Deus, que não quereria o exterminio dos que assim se sacrificavam pela gloria do nome do seu unigenito filho.

Por isso quando, na noite em que se terminaram aquelles successos, alguem aconselhou prudentemente D. Henrique a aproveitar-se da ausencia temporaria dos inimigos que elle havia repellido para as serras, a fim de se recolher com todo o exercito a bordo da esquadra, declarou o infante que se aproveitaria d'esse ensejo favoravel, não para fugir, esperando ainda vencer, mas sim para dar um assalto á cidade.

N'essa madrugada, pois, todo o exercito se poz em ordem de peleja. Parte foi destinado a cobrir o arrayal e proteger o assalto contra qualquer aggressão externa, e o resto correu cheio de ardor, á voz de *Santiago*, contra os muros de Tanger.

Como no ataque geral a toda a cêrca das muralhas tinham sido infelizes, e em parte se attribuiu este mau successo á divisão das forças, agora ordenou o infante que se empenhassem todas as tropas em um unico ponto.

Prevenidos com um alto castello de madeira, com algumas escadas que tinham accrescentado, e com outras vindas de novo de Ceuta, deu-se principio ao assalto por um lanço de muro, onde as bombardas haviam feito anticipadamente bastante estrago.

A sorte das armas, porém, continuou a ser adversa ás quinas de Portugal. Se o ataque foi dirigido com muito vigor e denodo, a defesa foi sustentada com extraordinaria valentia. Os que ousaram montar a brecha foram d'ella precipitados, e quantos se atreviam a tentar a escalada retrocediam, ou caíam victimas das flechas e das pedras, do azeite fervente e das materias inflammadas que, tão copiosas como chuva, lhes atiravam de cima. O linho e o alcatrão em fogo eram em tal quantidade, que algumas escadas se incendiaram carregadas de gente.

Vendo o infante D. Henrique tão tenaz resistencia nos moiros, e tanto destroço nos seus sem nenhuma vantagem adquirida, mandou tocar a retirada. Mas apenas entrado no arrayal, longe de desistir, cuidou immediatamente de fazer construir melhores aprestos para novo assalto.

Em quanto estas obras progrediam com a maior actividade, trouxeram á presença do infante D. Henrique dois almogavares, que acabavam de ser aprisionados perto do arrayal. Inqueridos ácerca da situação e força da sua gente, declararam ao infante, que além dos inimigos que via em torno do seu acampamento, vinham sobre elle com immenso poder, e já bem perto, o rei de Fez e o imperador de Marrocos.

Nas circumstancias afflictivas em que se achavam os portuguezes, esta nova era de per si bastante para quebrar o animo aos mais esforçados. E comtudo não foi capaz de abater aquella grande alma de D. Henrique, que sempre se mostrava superior a todos os golpes da adversidade, quaesquer que elles fossem.

Em seu logar, outro general só pensaria n'aquelle momento em salvar-se a si e ao exercito da medonha tormenta que ia sobre elles rebentar; e era este o unico alvitre que a prudencia aconselhava em tão apertada conjunctura. Mas aquelle corajoso principe só pensou em apressar os preparativos do ataque para accommetter a praça, antes que chegassem os exercitos que vinham em seu soccorro. Era um esforço derradeiro e desesperado, embora temerario, de que o infante não queria prescindir. O destino é que lh'o não consentiu.

Os exercitos de Fez e de Marrocos chegaram mais cedo do que se presumia.

IX

Corrêra o infante D. Henrique eminente perigo ao recolher-se ao arrayal. Tendo-se deixado ficar para traz, a fim de servir de escudo ao ultimo dos seus soldados, viu-se envolvido de imporviso no meio de um grande tropel de inimigos.

A coragem, como sempre lhe succedia, não abandonou o principe; mas fraquejou-lhe o cavallo, e caíu morto trespassado de golpes. Os alfanges dos infieis erguiam-se já sobre a fronte prostrada de D. Henrique, quando Fernando Alvares Cabral, seu guarda-mór, rompendo como um leão por entre a turba multa, deteve por um momento, com o arrojo do seu animo e com o esforço do seu braço, a crua vingança dos barbaros.

Aquelle momento passou rapido como o pensamento, mas foi bastante para a salvação do principe. Um pagem do infante D. Fernando, que presenciava aquelle tremendo conflicto, pôde soccorrer D. Henrique com outro cavallo, e ajudal-o prestes a montar.

O bravo Fernando Alvares pagou com a vida a temeridade d'aquelle generoso sacrificio; porém, salvou o seu principe e seu general, que, acutilando como louco e desesperado, conseguiu abrir caminho através das hostes sarracenas.

Novos perigos e grave desgosto vieram assaltar o infante apenas entrado nos entrincheiramentos. Alguns fidalgos, e muitos cavalleiros e escudeiros, prezando a vida mais que a honra, acabavam de abandonar o campo, e lá corriam direitos á praia a lançar-se nos bateis, demandando refugio a bordo das naus. O exemplo dos primeiros arrastou os segundos. Os fugitivos já orçavam por mil, e as hostes inimigas, que perseguiram a D. Henrique até junto das estacadas, reforçadas de instante para instante com as novas partidas que iam chegando, cercavam e apertavam por todos os lados o acampamento christão.

O infante D. Henrique não viu então, nem pesou a immensidade do perigo que o ameaçava, porque a indignação que lhe trasbordava da alma não lhe consentia ver mais do que aquella vergonhosa covardia. Exaltado por esse sentimento violento, tentando desaggravar a honra nacional por um d'esses actos de desesperada coragem, que ou dão triumpho, ou põem termo á vida; ou querendo, talvez, lavar com o seu proprio sangue a nodoa que caíu sobre o seu exercito, reune á pressa os soldados que lhe restam; colloca-se-lhes á frente; com aspecto carregado e com voz rouca e imperiosa intima-lhes a ordem de combate; e precipita-se furiosamente sobre os moiros.

Aquellas grossas muralhas de peitos humanos, que cercavam o arrayal eriçadas de alfanges e flechas, abalam-se, chocam-se, e desmoronam-se ao rijo embate de tão inesperado accommettimento.

Rotas e desordenadas as fileiras inimigas, tomados de sobresalto os chefes, e cheios de terror todos os moiros, em breve espaço foi o arrayal desaffrontado da presença dos sitiantes, e os nossos recolheram-se a elle cançados de acutilar, mas cobertos de muita gloria.

Em quanto estas coisas se passavam em terra, D. Pedro de Castro, que governava a armada, não lhe soffrendo o animo ver tranquillo refugiarem-se a bordo tantos guerreiros, em quanto que os infantes estavam com os mais portuguezes no acampamento expostos a tão grande perigo, arremessa-se para dentro dos bateis com os poucos soldados que tinha de guarnição ás naus, e apresenta-se no arrayal.

Succederam-se uns aos outros estes acontecimentos com tal rapidez, e achavam-se todos os animos por tal modo absortos e preoccupados com tão fortes e differentes impressões, que nem o infante D. Henrique, vendo diante de si o apparato de um cêrco, cuidou em abastecer novamente de viveres o arrayal; nem D. Pedro de Castro, que tudo presenciava de bordo, se lembrou de trazer para terra alguma cópia de provisões que ainda havia nos navios.

Lembraram-se d'ahi a pouco; mas já era tarde. Os moiros tinham voltado sobre o acampamento. D'esta vez eram ainda em muito maior numero. Estavam reunidas alli todas as suas forças; reinava boa ordem nas suas fileiras, e aos seus movimentos presidíra o melhor acerto. Os christãos já não podiam communicar-se com os navios da armada. O cêrco do acampamento fechára-se completamente.

O infante D. Henrique fôra passar revista aos mantimentos, e apenas encontrára os sufficientes para o sustento de dois dias. Nem no rosto, nem na voz exprimiu dor ou receio. Ordenou que se melhorassem quanto fosse possivel as fortificações; poz a sua esperança em Deus, e resignou-se com a sua sorte. Já não havia outro alvitre mais do que vencer ou morrer.

X

No dia seguinte, era uma quinta feira 10 de outubro, deram os moiros um ataque geral ao acampamento christão. O rei de Fez, á frente do seu exercito, foi o primeiro que rompeu o combate. As tropas do imperador de Marrocos, as dos outros regulos e alcaides, e as da cidade, seguiram-se umas após outras com tal ordem, que conservaram até ao fim da peleja a furia e vigor unicamente proprios do começo de uma batalha.

Os nossos soldados, que na vespera, vendo-se sem provisões e tão estreitamente cercados, desafogavam-se em queixas contra a mesquinha sorte que assim os expunha e obrigava a morrerem como ovelhas dentro de um curral, defendendo-se agora como homens que se consideram perdidos, obraram taes prodigios de valor, que, no fim de quatro horas de lucta, as trombetas arabes deram signal de retirada, apesar da immensa superioridade das suas forças.

Apenas os moiros se recolheram ao seu campo, tratou immediatamente o infante D. Henrique de reunir conselho, para se accordar no que mais cumpria fazer em tão criticas circumstancias. Na verdade, em tamanho extremo não podiam lembrar outros meios que não fossem os de salvação. Todos, pois, concordaram no unico que pareceu exequivel, e consistia em reunirem-se todas as tropas em um só campo, e durante a noite romperem a linha inimiga para o lado do mar até chegarem á praia, e ahi, n'um ponto circumscripto, defenderem-se obstinadamente até que, auxiliados pela armada, se fossem acolhendo ás naus os que se podessem salvar.

Infelizmente, este plano foi mallogrado pela traição de uma alma vil, pela traição de um indigno clerigo, que por covardia vendeu seus irmãos, e renegou a religião de Christo. Esse infame, chamado Martim Vieira, que era capellão do infante D. Henrique, não crendo n'aquelle meio de salvação, e atterrado com o aspecto da fome, e com as ameaças da morte ou do captiveiro, fugiu para os inimigos, onde comprou a liberdade a troco da denuncia que fez, e da abjuração da fé christã.

(Continua) I. de Vilhena Barbosa.